



## FICÇÃO AUTOBIOGRÁFICA: *CEMITÉRIO* DE PAULO EMÍLIO SALLES GOMES

**Julierme Sebastião Morais Souza\***  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU  
[juliermehistoriador@hotmail.com](mailto:juliermehistoriador@hotmail.com)

Não há nada mais importante no século do que o comunismo, não sei como são tão numerosos os que não acham isso, inclusive alguns ex-comunistas. Nenhum desses foi tão bom do que quando eram comunistas.

Paulo Emílio Salles Gomes – **Cemitério**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Recentemente foi lançado o segundo volume do projeto da Cosacnaify que visa publicar toda a obra do crítico de cinema, historiador e ensaísta Paulo Emílio Salles Gomes. Este volume reúne duas obras inéditas: a novela **Cemitério**,<sup>1</sup> escrita entre 1973-1976, que empresta o seu nome ao volume, e a peça **Destinos**, redigida e representada no teatro do presídio Maria Zélia em 1936. Com organização e “Posfácio” de Carlos Augusto Calil, que foi orientando de Paulo Emílio no curso de cinema da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), a obra ainda conta com “Notas de apoio” do historiador Dainis Karepovs, para a compreensão dos episódios e personagens da nossa história presentes em **Cemitério**, e um “Apêndice” escrito pelo historiador e crítico teatral Décio de Almeida Prado.

A novela **Cemitério** e a peça **Destinos** estão separadas pelo tempo, não obstante, indubitavelmente são indissociáveis da trajetória militante de Paulo Emílio. A

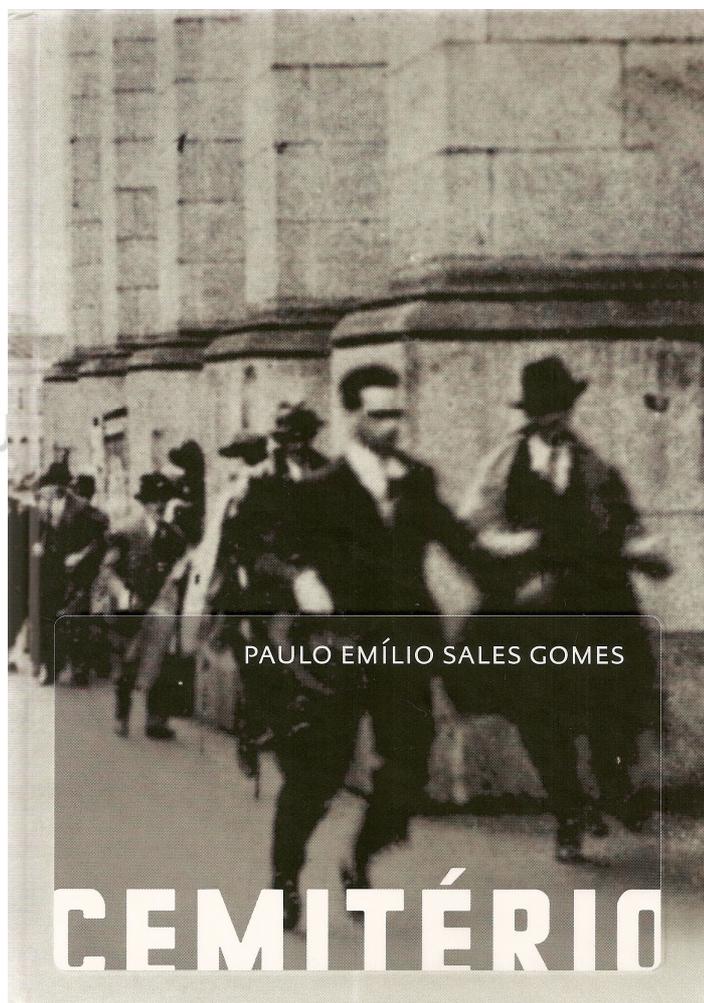
---

\* Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) onde é Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGHIS) e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

<sup>1</sup> GOMES, Paulo Emílio Salles Gomes. **Cemitério**. São Paulo: Cosacnaify, 2007. Doravante as citações dessa obra serão indicadas somente com o número da página.

primeira, escrita já no limiar de sua passagem terrena, demonstra sua inexaurível capacidade de articular narrativa ficcional, fatos reais e altas dosagens de idiossincrasia, e a segunda, redigida e encenada no período de sua reclusão como preso político do governo de Getúlio Vargas, associa sua militância política juvenil e arguta à sua irrefreável competência em tornar-se o arauto de uma geração de jovens intelectuais cujo opróbrio seria não lutar contra uma ditadura considerada fascista.

Na trama **Cemitério**, grande parte da história decorrida no período da ditadura militar (1964-1985), o narrador é um contínuo de uma editora que havia publicado um livro chamado, justamente, *Cemitério*. Este, temporalmente localizado nos momentos que antecederam à ditadura do Estado Novo (1937-1945), foi escrito por um certo J. de Costas e trazia percucientes críticas a personagens políticos da burguesia paulista e da história nacional: Santos-Dumont, Getúlio Vargas, Luis Carlos Prestes e Armando de Sales Oliveira. Nesse sentido, seria quase um truísmo afirmar que o livro passa a ser atacado pela imprensa alinhada com a ditadura militar (1964-1985), ao passo que, logo se descobre que J. de Costas era apenas um pseudônimo de alguém que enviou o texto pelo correio e desapareceu sem sequer



reivindicar direitos autorais. Por conseguinte, o dono da editora passa a ser responsabilizado pelo livro e repassa as críticas à responsabilidade do contínuo, um baiano de Feira de Santana que nos conta a história em um caderno. O desenrolar da ficção inacabada de Paulo Emílio remete a uma incessante procura do contínuo por

informações sobre os personagens e os fatos históricos presentes em *Cemitério* de J. de Costas.

Cabe ressaltar que esta novela é uma obra híbrida, com diversas substituições das vozes narrativas, com trechos narrados pelo contínuo, passagens do *Cemitério* de J. de Costas, diálogos entre personagens, que às vezes são fictícios e outras são reais, e a inesperada, mas pertinente, presença do próprio Paulo Emílio como personagem relatando sua vivência e militância contra a repressão política do Estado Novo. Este Paulo Emílio personagem faz uma espécie de autobiografia e, de forma sublime, articula memória política e sentimental para reconstituir momentos importantes da história do país: como o malogro paulista na Revolução Constitucionalista (1932), a Batalha da Praça da Sé (1934) entre integralistas e comunistas, o posterior enterro de Décio Pinto de Oliveira, e a Intentona Comunista de 1935.

Em inúmeras passagens, Paulo Emílio (personagem e/ou autor) enfrenta, no âmbito da representação, o ressentimento político de sua geração que inclui, dentre muitos intelectuais importantes da vida cultural do país, Décio de Almeida Prado, com quem Paulo Emílio afirma ter “[...] encontrado bons trilhos em conversas sobre comunismo”, (p. 35) e Antonio Cândido, um de seus melhores amigos. Desse modo, o livro traz uma legitimidade ímpar com que valoriza a ação política, mesmo que implique no reconhecimento do adversário, associada às memórias indiretas, com proeminência de sua perspectiva pessoal, marcada por sua origem de classe e formação intelectual. No que tange às críticas, o autor as tece sempre em tom sarcástico, revelando uma imensurável capacidade intelectual de narrar com maestria e, concomitantemente, permitir ao leitor um caminho ideológico a ser seguido na leitura, mas que, no entanto, transmite a sensação de ser unívoco.

Com efeito, elemento incontestável que chama a atenção de imediato é o caráter político da obra. Ele é o embrião a partir do qual a narrativa ganha corpo e se difunde para diversos focos. Não poderia ser diferente, pois Paulo Emílio antes de ser referência inequívoca na cultura nacional como historiador e crítico cinematográfico renomado, diretor da filмотeca do Museu de Arte de São Paulo (MASP), professor da Universidade de São Paulo (USP) e fundador do curso de cinema da Universidade de Brasília (UNB), foi militante comunista e preso político do governo Getúlio Vargas (1930-1945). Talvez por isso, Carlos Augusto Calil define **Cemitério** como um acerto de contas com sua primeira juventude.

Dessa forma, é do caráter político a aurora da crítica à burguesia paulista, cuja manifestação já aparece em **Três mulheres de três PPPês**,<sup>2</sup> e que em **Cemitério** é flagrada nas menções de Paulo Emílio ao jornal *O Estado de São Paulo* e o grupo político reunido em seu entorno, despontando Armando de Sales Oliveira, ex-governador do Estado e fundador da Universidade de São Paulo (USP), considerados, pelo autor, símbolos maiores de uma burguesia conservadora e individualista, avessa ao projeto nacional do país. Sensivelmente, o alto teor político da novela externaliza um aparato teórico e cultural que Paulo Emílio manuseava como poucos, movendo-se desde a intencionalidade em fazer uma meta-literatura, atribuindo ao caderno o estatuto de personagem, até o tratamento com a linguagem “chula” para metaforizar a ingenuidade do Partido Comunista, ao buscar aliança com a burguesia paulista.

No “Posfácio” escrito pelo organizador, podemos apreciar uma pequena genética textual sobre o caderno de Paulo Emílio. Cabe lembrar que ela não era do conhecimento de ninguém, e talvez por desígnios do acaso, quando a família de Paulo Emílio discutia com a Cosacnaify a publicação de sua obra completa, apareceu um caderno espiral de capa verde trazendo esta ficção inacabada. E é com esse espírito de descoberta, tratando a obra com as glórias de um achado arqueológico de rara importância que Calil tece asserções sobre a estratégia de escrita de Paulo Emílio.

Para tanto, e com muita propriedade, são analisados o primado dos deslizamentos da voz narrativa, no sentido de dar voz a personagens estranhos ao universo intelectual do autor, o biografismo presente na obra, o efeito ambíguo da mistura de fatos relevantes e tolices, o destacado caderno que é depositário das confidências inéditas do contínuo e – talvez – do próprio autor (Paulo Emílio), e a crítica à burguesia paulista, porém, mais branda e direcionada à elite conservadora, que o autor denomina: “paulistas armandados”. Entretanto, a análise da passagem do enterro de Décio Pinto de Oliveira, que segundo Calil “[...] é em termos estéticos a mais bem-sucedida do livro”, (p. 105) subleva todas as outras características à sua força teórica. Para Calil, Paulo Emílio “condensa a forma apurada num contexto de alta densidade política, graças aos efeitos cinematográficos que habitualmente agencia”, ou seja, para o historiador, a eficiência da narrativa em Paulo Emílio está diretamente ligada ao seu profundo conhecimento do universo cinematográfico, o que proporciona um movimento

---

<sup>2</sup> GOMES, Paulo Emílio Salles. **Três mulheres de três PPPês**. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

sintomático, em que uma linguagem, no caso a cinematográfica, propicia lastro para outra, a literatura.

A hegemonia do político neste volume, certamente, é o que delineia uma lógica interna da obra como um todo, produzindo um efeito expansivo que une a urdidura da novela **Cemitério** à da peça **Destinos**. Assim, a automaticidade do político na vida de Paulo Emílio só deixa latente que a peça **Destinos** é mais uma manifestação de sua “consciência” envolta de teoria e ideologia, e que mesmo em circunstâncias inadequadas não ignorava seu ponto de vista crítico. Tal fator pode ser identificado em sua detenção no presídio Maria Zélia, onde fica evidente que não serviu para amortizar, via coerção, sua capacidade de expressão política, e sim, potencializou um movimento oposto de incondicional engajamento político, no qual Paulo Emílio norteou todo o processo de sua trajetória de vida mundana.

Nesta peça composta por três Atos, organizada de maneira esquemática<sup>3</sup> e dualista, afunilam-se as atenções para o debate político dentro de uma mesma classe social: a burguesia. Nesta atmosfera burguesa, endêmica na ficção de Paulo Emílio, o conflito entre dois pólos ideológicos repulsivos é expresso nos irmãos Carlos, comunista de muita consciência de classe e perspectivas humanistas, e Álvaro, politicamente conservador e perdulário na vida social. Por conseguinte, conscientemente, o autor molda as atitudes de cada irmão com suas diferenças ideológicas, fundamentado-as como força motriz de todo o processo representativo da peça, demarcando qual o lado correto e, conseqüentemente, qual partido o espectador deve tomar. Carlos e Álvaro paulatinamente vão se distanciando; distância que não é amenizada até o fim da peça. É neste aspecto que figura a performática capacidade de Paulo Emílio em cooptar seus interlocutores, dando-lhes uma sensação de prazer e identificação com aquilo que vêem, promovendo uma frutífera fruição.

Dois aspectos merecem destaque: o primeiro é a perspectiva marxista do autor ao entronizar Carlos como o mentor intelectual de uma greve de operários, ou seja, o intelectual guiando a massa para a revolução que somente esta tem condições de promover; o segundo é a reincidência da crítica à burguesia, que surge personificada em Álvaro e sua degradação e morte em um, mais hipócrita que paradoxal,

---

<sup>3</sup> Décio de Almeida Prado enfatiza que a peça não deve ser encarada literalmente, pois foi concebida em parte como passatempo de prisão e em parte como arma psicológica para manter em alta seus ideais; conseqüentemente, é neste sentido que se deve entender seu esquematismo.

conservadorismo político conectado a uma libertinagem autodestrutiva. Em poucas palavras, **Destinos** desvela as perspectivas políticas de seu autor e um contexto complexo da história nacional, porém, sem sombra de dúvidas, uma de suas maiores virtudes é engendrar todo esse emaranhado sob a tutela de um reconhecimento de classe incorruptível, que nas mais variadas situações emerge com a pertinência de uma razão inalcançável.

O “Apêndice” escrito por Décio de Almeida Prado é um texto de dezembro de 1984, mas que não perdera sua originalidade frente à peça em voga. Nele são enfatizados como se deu a prisão de Paulo Emílio, suas perspectivas de vida antes do ocorrido, preferências intelectuais, o percurso da peça, e principalmente as impressões do adolescente militante de esquerda que, em meio a todas as adversidades da prisão, soube tirar proveito para aprimorar-se intelectualmente, tecer relações sociais enriquecedoras e, sobretudo, conhecer-se internamente. Sobre esse conhecimento de si mesmo, o historiador e crítico teatral analisa como traços que persistiram de algum modo na vida de Paulo Emílio, ora em caráter dominante, ora recessivo, sua “vocação para a política” e o “fracasso em relação à existência normal”, ou seja, paradoxalmente o “engajamento social” e o “distanciamento lúdico”, que tanto eram associados à sua capacidade de fascinar tanta gente.

Não é nossa pretensão complicar demais ou sobrecarregar a análise de **Cemitério**, nem lhe atribuir importância indevida, não obstante, este volume diz muito sobre toda a obra de Paulo Emílio Salles Gomes que, certamente, está intrinsecamente ligada à sua formação intelectual, imbricada à sua militância política, prisão, crítica cinematográfica e estudos acadêmicos. Desse modo, o leitor menos atento *a priori* encontrará neste volume somente a ficção de Paulo Emílio, no entanto, também irá deparar-se com elementos de memória e história, que potencializados por um contundente aparato teórico e ideológico transformam sua obra em um caleidoscópio de propostas temáticas que, para além da intencionalidade de seu autor, ganham vulto e consistência para uma polifonia de sentidos.

Com efeito, esta obra é um documento de importância inestimável que, além de representar crítica a forças conservadoras, fundamenta-se dados autobiográficos, permitindo localizar o ambiente cultural e mapear alguns princípios teóricos, estéticos e ideológicos que nortearam toda uma geração de intelectuais como o próprio Paulo Emílio, Décio de Almeida Prado, Antonio Cândido e outros — que, no trabalho com

linguagens — cinematográfica, teatral e literária —, tanto no âmbito da crítica especializada, quanto nos meios acadêmicos, matizaram perspectivas interpretativas da história dessas linguagens no Brasil. Assim, em meio a uma crescente automatização dos estudos historiográficos, esta obra, perpassa suas possibilidades literárias, proporcionando aos estudiosos em linguagens, principalmente aos que buscam sua interconexão com a história, adentrar em seu caráter multidisciplinar e enveredar-se por uma interconexão prolífica ao conhecimento histórico, sem, no entanto, perder de vista as balizas teóricas e metodológicas inerentes às pesquisas com tais pretensões.

Por esse conjunto, **Cemitério** de Paulo Emílio Salles Gomes é, de fato, leitura obrigatória, tanto para estudiosos de literatura e de linguagens, no âmbito dos estudos históricos, como para os apreciadores de um bom livro. Portanto, nos resta esperar o próximo volume desse projeto da editora Cosacnaify e desejar uma boa leitura!

